

**TÉCNICAS DE EDUCAÇÃO.  
FREINET NA ESCOLA MODERNA.  
NECESSIDADE E URGÊNCIA DE UMA PEDAGOGIA MODERNA**

Maria de Fátima Ramiro SALGUEIRO PEREIRA  
Museu Escolar - Marrazes, Leiria

**Resumo:**

O ensino primário, após o 25 de Abril de 1974, mudou completamente as metodologias de ensino, convidando os professores a experimentar novos métodos, alterando sobretudo a relação professor-aluno. Anteriormente vivia-se num período em que o professor era onnipotente perante os alunos e até os próprios pais. Em 1977 as escolas primárias receberam uma circular que dava a conhecer as práticas usadas pelo pedagogo Célestin Freinet e convidava os professores a experimentar as suas técnicas. O texto que se segue pretende dar a conhecer os testemunhos vividos por dois professores do ensino primário, que utilizaram a metodologia de Freinet, para uma melhor aprendizagem dos seus alunos.

Seguindo o conselho do Ministério da Educação e Investigação Científica, os professores Fátima Salgueiro e António Rafael utilizaram *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, nomeadamente o texto livre e a utilização da imprensa de Freinet. Os professores, através destas práticas, conseguiram uma maior proximidade com os seus alunos e observaram uma melhor aprendizagem, sobretudo na escrita. As crianças começaram a ser mais criativas nos seus textos livres e através da imprensa aprendiam a ler. Durante a experimentação destas técnicas foi possível chegar mais perto da população, através de entrevistas e de recolha de testemunhos orais que os alunos faziam, principalmente junto dos mais idosos. Através destas recolhas foi possível trabalhar na investigação dos materiais utilizados na escola do passado e da própria história da educação, dando origem ao projeto escolar *A Escola Através dos Tempos*, que culminou com a abertura ao público do Museu Escolar, em Leiria. A ousadia dos professores e o entusiasmo dos alunos, inspirados nas metodologias de Freinet, levaram a que um simples projeto escolar crescesse, tornando-se um marco de cultura há mais de 15 anos.

## Técnicas de Freinet

Testemunhos dos professores António Caetano Rafael e Maria de Fátima Ramiro Salgueiro Pereira sobre as suas atividades como docentes, usando técnicas de Freinet com os seus alunos, no ensino primário após o 25 de Abril de 1974.

Quem foi Célestin Freinet?

Célestin Freinet nasceu em 1896 e morreu em 1966.

Em 1920 começou a lecionar numa aldeia francesa, Bar-sur-Loup, onde experimentou na sua atividade de professor determinadas ideias que tinha em mente.

Esta era uma época em que o professor era onnipotente perante os seus alunos e até dos encarregados de educação. O castigo ainda funcionava nas suas diferentes formas: régua, cana e outros.

Freinet quis mudar o universo escolar.

Para isso, escreveu e publicou as suas inovações sobre o ensino e educação. Tal como outros pedagogos, foi difícil ser seguido nas suas ideias e poucos os teriam experimentado integralmente. Mas o psicólogo Clapared que foi contemporâneo de Freinet disse que ele «*abriu uma nova época para a pedagogia.*»

Um pouco antes de Freinet, em Portugal tinham surgido dois pedagogos, Castilho e João de Deus. Na verdade pouco evoluíram no relacionamento com os seus alunos em relação ao instituído. Freinet com as suas técnicas alterou a forma de interagir com as crianças.

Deu-lhes sobretudo liberdade de expressão e de escrita. Entre outras coisas, defendia que a criança deveria escrever sobre aquilo que mais gostasse e por isso experimentou e divulgou atividades como o Texto Livre, o Jornal Escolar e a Correspondência Interescolar.

Em Portugal, com data de 14 de Julho de 1977, três anos após a mudança de regime e das mentalidades, os professores das escolas do Ensino Primário, hoje 1.º ciclo, receberam uma circular a apresentar as técnicas de Freinet e ao mesmo tempo a convidar os professores a experimentá-las.

A circular<sup>1</sup> dava a conhecer os seguintes temas que compunham o livro *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*:

-Necessidade e urgência de uma pedagogia moderna.

---

1 Circular da Direção de Serviços do Ensino Primário – Caderno de Documentos do Professor. Doc. N.º 14 de 14-07-1977.

- Para uma nova época, uma nova pedagogia.
- A prática das técnicas de Freinet.
- Panorama de várias escolas.
- Os métodos naturais da escola moderna.
- Contra a esclerose das técnicas Freinet.

Com esta circular não foi imposto ao professor usar rigorosamente este método mas, através dela, foi-lhe dada a oportunidade e a curiosidade de saber o que eram e como se dinamizavam.

A circular foi um alerta para a mudança da postura de pais, professores e alunos, perante a necessidade de uma alteração da forma pedagógica e didática de conduzir as aulas e de renovar as técnicas até então usadas.

Principalmente o Texto Livre, a Tipografia, a Correspondência Interescolar e os Ficheiros Escolares, foram os que mais despertaram o interesse nos dois testemunhos que apresentamos. Eles desejaram saber mais do que informava a circular e adquiriram livros publicados sobre as novas técnicas.

O livro, *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, permite-nos, através de exemplos práticos, explicações e testemunhos, fazer uma abordagem e uma síntese do que foi a atuação do pedagogo na escola onde exercia a sua docência, em Bar-sur-Loup.

Freinet no seu livro *O Jornal Escolar* diz:

Substituímos a rotina dos manuais, dos trabalhos de casa e das lições impostas arbitrariamente pelos adultos por: Texto livre, que é a expressão natural inicial da vida infantil no seu meio ambiente normal.

Adotámos a observação e a experiência como fundamento indispensável das aquisições de conhecimentos em ciências e em cálculo, em história e em geografia.

Diz ainda Freinet:

*Esta técnica de expressão livre, de observação e de experiência pressupõe, no entanto, a criação de novos utensílios de trabalho que lhe são simultaneamente o alimento e o objetivo.*<sup>2</sup>

Todo o mundo novo de Freinet é-nos apresentado nos seus livros de uma forma dinâmica e viva. Freinet ao privilegiar o texto livre que por sua vez irá dar origem ao jornal escolar, à correspondência interescolar e aos ficheiros escolares, proporciona às crianças um grande poder de criatividade que as conduz às mais diversas atividades. Esta dinâmica dá origem principalmente a uma recolha de textos escritos pelos alunos

---

2 O Jornal Escolar, pg.13

segundo a sua inspiração e o gosto pelo assunto. Para reproduzir os textos, o autor inventou a Imprensa Escolar a qual recomendava. Freinet explica:

*Na falta de jornal manuscrito, o professor pode também realizar alguns bons álbuns, profusamente ilustrados, que poderão ser instrumentos preciosos para as comunicações interescolares em que deverá participar logo que lhe for possível.<sup>3</sup>*

*A tipografia permite uma apresentação sempre superior à do texto poligrafado.*

*Os nossos jornais escolares mais belos e mais originais são os das classes infantis.*

*Que o jornal escolar motivação ideal do nosso método de expressão livre, é o melhor exercício de redação, de ortografia e de gramática vivos.*

*O jornal escolar pressupõe a cooperação escolar.*

*O jornal escolar não pode deixar de ser cooperativo.*

*O jornal escolar é a melhor solução para a indispensável ligação com os pais.*

*As fotografias; os filmes; o cinema; o disco como complemento de troca.*

Com estas recomendações os professores Rafael e Fátima desejaram experimentar.

Professor Rafael adquiriu a imprensa inventada por Freinet e usou-a na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe, para imprimir os textos escritos pelos alunos e foi assim que eles aprenderam a ler.

Diz que inicialmente escrevia no quadro o texto ditado pelo aluno com caracteres de imprensa, pois ainda não o sabiam escrever e era também ele quem manuseava a máquina para ficar tudo direitinho e sem borrões. Um pouco mais tarde as crianças passavam a imprimir e ele só organizava a metodologia.

A imprensa compõe-se de uma base com tampa. À parte num tabuleiro estão organizados os caracteres que são de chumbo (letras e números). Aí, as crianças escolhem as letras ou os números de que necessitam. Na base da imprensa que é de metal, colocam-nas para formar as palavras pretendidas. Estas organizam-se dentro de recipientes de metal que são à medida da largura e altura das letras. Cada palavra formada é intervalada com um separador de chumbo cujo volume é sensivelmente igual ao da letra.

---

3 O Jornal Escolar, pg. 24, pg.30, pg. 49, pg. 91, pg. 108, pg. 109, pg. 128.



Fig. 1 – Pormenor da imprensa de Freinet

É de refletir que os caracteres têm que ser colocados ao contrário e de trás para a frente. No final, as crianças para terem a certeza se o texto não precisava de emendas, verificavam se tudo estava bem colocado, através de um espelho. No espelho as frases eram refletidas com a escrita normal. O tamanho da impressora era igual à medida de meia folha A4. Professor Rafael, para não estragar papel, usava só meia folha. Depois do texto organizado, passavam sobre ele um rolo próprio, macio e molhado em tinta própria. A seguir colocavam a meia folha em cima do texto já organizado e húmido de tinta e fechavam a tampa da impressora sobre o papel, pressionando-a. Ao levantar a tampa as letras apareciam gravadas na folha.

Fazem-se tantos exemplares quantos os desejados.



Fig. 2 – Fecho da tampa da imprensa e mostra das palavras impressas

A primeira servia de prova. Depois de verificar que não havia nenhum erro tiravam quantas as necessárias

Professor Rafael diz que foi ele que arranjou pequenas tábuas de madeira conforme a necessidade de espaçar a escrita ou fazer os parágrafos. Por exemplo usava uma tabuinha com mais largura para destacar o título e umas mais estreitas para separar as linhas e ainda outras para os parágrafos.

Diz ainda que os rolos de borracha para espalhar a tinta tinham que se comprar frequentemente por se estragarem muito.

Professor Rafael comentou:

*Eles aprenderam mesmo a ler por este método. A escrever manualmente só mais tarde.*

É precisamente isto que Freinet recomenda no seu livro.

O professor Rafael diz que o entusiasmo era tanto que as crianças nem se cansavam, nem perdiam a vontade de fazer mais. Uma aluna no início do 2.º ano imprimiu o seguinte texto:



13-1-1979

*Era uma vez um coelhinho que estava a dormir e esqueceu-se da escola.*

*Quando acordou já a escola tinha acabado.*

*No outro dia á noite foi para a cama cedo e quando ouviu um trovão muito grande deu um salto na cama e foi para o pé da mãe. No outro dia já não se esqueceu da escola.*

*Maria Inês 6 anos.*

Fig. 3 – Imagem do texto livre feito pela aluna Maria Inês

Professor Rafael diz que a fase mais bonita é a inicial que engloba o 1.º e o 2.º ano. As crianças faziam histórias fantásticas. Diz ainda que tinha dossiers onde guardava cópias dos textos. As crianças também os levavam para casa. No entanto, nunca usou o jornal escolar como intercâmbio com outras escolas.

Este professor tinha três impressoras. Faziam parte do conjunto.

Um dia recebeu a visita de um Inspetor na escola. Quando as crianças estavam a imprimir ele ficou encantado. Com este método as crianças desenvolvem-se primeiro na leitura e só mais tarde na escrita manual. As crianças dão largas à sua imaginação duma maneira mais abrangente.

Professor Rafael explica que esta maneira de imprimir não tem nada a ver com o das tipografias.

Diz ainda que o Ministério enviou algumas impressas para as delegações escolares. Estas por sua vez distribuíram-nas a algumas escolas.

Professor Rafael privilegiou o 1.º e 2.º ano para desenvolverem a leitura através da imprensa.

Eu, professora Fátima, não usei a imprensa e o que fiz foi só no 3.º e 4.º ano. Trabalhei o texto livre como Freinet recomendava, desenvolvi o Jornal Escolar mas de uma outra maneira por não possuir a imprensa.

Baseada no que diz o pedagogo, iniciei o texto livre convidando os alunos a escreverem sobre aquilo que lhes apetecesse e cada um apresentaria o seu texto à turma, lendo para todos. No final, seria eleito o melhor por voto de

braço no ar como é recomendado pelo autor. O texto escolhido era escrito no quadro e corrigido coletivamente na sua sintaxe, na redação e ortografia.

Todos os outros textos eram corrigidos individualmente. Os eleitos seriam compilados com vista à organização de um jornal escolar.

Inicialmente os meus alunos revelaram-se bastante inseguros, sem ideias próprias para escrever. Cheguei a convidá-los para lerem o jornal da região, para conversarem sobre isso com os seus familiares, observando o que se passava à sua volta, através de recortes de notícias que saíam na imprensa local.



Fig. 4 – Ficheiro com recortes de notícias da região de Leiria

De início só alguns se interessaram e começaram a aparecer pequenos textos sem que o conteúdo divergisse dos que habitualmente se escreviam. Embora achasse esta técnica interessante, também não me sentia muito segura e foi com o lento despertar das crianças que também comecei a sentir-me entusiasmada. Isto durou alguns anos e englobou dois grupos sucessivos de alunos. Lentamente foram evoluindo e os temas começaram a surgir os seus próprios textos. As ideias debatidas entre eles começaram a ter alguma imaginação.

Assim começaram a interessar-se pela escrita, escrevendo sempre que lhes apetecia. E em determinada altura decidiram fazer ficheiros com textos temáticos. No ficheiro cujo tema é «Tradições» o aluno David escreve:

*Tradição*



*O que eu vou contar passou-se no tempo dos pais da minha mãe. No Domingo a seguir à Páscoa havia e ainda há a Festa da Senhora do Monte. O meu avô ia todos os anos a essa festa.*

*Saía de manhã cedo porque ia a pé. Essa festa é na Freguesia das Cortes. Quando lá chegava encontrava-se com os amigos de outras terras. Tomava parte na Missa e na procissão, almoçava lá, ouvia música, colhia uma flor da serra chamada sesta e voltava a pé para casa.*

*Dizia que tinha ido à Senhora do Monte buscar a sesta e a partir desse dia até Setembro dormia a sesta.*

*Marrazes, 15 de Abril de 1991*

*David Jorge Confraria de Sousa*

Em 1993 a Filipa Fonseca escreveu no ficheiro «Natureza»



*Eu sou azul Vivo no arco-íris. Porém também  
faço uma viagem até ao céu para ver o meu  
pai. A minha mãe vive nos olhos azuis das pes-  
soas.*

*O miosótis é muito vaidoso por ser azul.  
Olha ali a borboleta azul! Ela é professora de  
muito respeito.*

*O passarinho Bibi tem uma asa azul, por isso  
está orgulhoso de ser azul.*

*Gosto tanto de ser azul!*

Fig. 5 – Capa do ficheiro sobre a natureza

Podia transcrever dezenas de textos que abrangem vários temas, todos sugeridos pelos alunos.

Numa época em que a escrita computadorizada ainda era desconhecida nas escolas, e o projeto Minerva não era abrangente, tentavam-se diferentes maneiras de reproduzir os textos. Os meus alunos quando os não podiam reproduzir, simplesmente os reuniam em ficheiros com capas ilustradas sobre os temas neles inseridos.

A impressão tipográfica seria sempre difícil devido ao seu custo. Por isso algumas vezes recorri à impressora a álcool, ao papel químico, à gelatina ou à reprodução manual pelos próprios alunos.

Usei estes meios e ainda tentei encontrar uma empresa mecenas para fazer alguns exemplares. Apenas conseguiu uma vez, pois a empresa achou que era dispendioso.

A partir destas ideias de Freinet, desenvolvi o texto livre noutros campos como: visitas de estudo e a correspondência escolar. Como já foi referido, a correspondência escolar tinha como objetivo estabelecer relacionamento com outras escolas de forma a enriquecer as aprendizagens, pondo as crianças doutras localidades em contacto. Foi desmotivador porque não foram obtidas muitas respostas e em breve desistimos. Talvez eu não tivesse conseguido pôr em prática esta técnica ou os professores das escolas a quem eram dirigidas as mensagens não estivessem interessados em explorar o método.

Porque foi difícil implementar o jornal escolar por falta de meios, privilegiei os ficheiros temáticos sugeridos pelos alunos.

Exploraram a história começando por fazer visitas de estudo previamente preparadas com investigação, principalmente sobre a importância histórica dos locais a visitar. Os próprios alunos instigavam os pais a falarem sobre a história da região. Visitámos alguns museus em que se realçavam momentos patrióticos como os descobrimentos, e fizemos uma interligação sempre que possível entre as diferentes áreas.

Visitámos o Castelo de Leiria e o de Monte Real procurando saber como foi a permanência em Leiria do rei D. Dinis e da Rainha Santa Isabel. Investigámos com a leitura de alguns livros e com as memórias de pessoas idosas. Visitámos o pinhal de Leiria mandado semear pelo mesmo rei. Durante a visita, os alunos iriam preenchendo determinados campos da investigação no roteiro que lhes era entregue no início das visitas, onde se assinalavam as referências pedidas. No final escreviam sobre a visita.



Fig. 6 – Visita ao Castelo de Monte Real

Proporcionei algumas aprendizagens das ciências e geografia na própria natureza e alguns momentos históricos sobre a origem e evolução da região e também de outras localidades.

Além das visitas, foi sugerido que se fizessem entrevistas a pessoas idosas, com o intuito de recolher o histórico da freguesia. Através delas as crianças e eu ficámos a conhecer muitas tradições e atividades. Os alunos entusiasmaram-se tanto que, desejaram fazer pequenos ficheiros a que chamavam livros. Todos os textos eram organizados segundo os temas. Assim surgiram livrinhos sobre a história da freguesia, sobre datas anuais importantes, sobre a escola do passado, e outros. A recolha foi entusiasmante quer para mim, quer para os meus alunos e ainda para as pessoas entrevistadas. Toda a escrita era livre e os alunos autores, apenas convidados a corrigir erros ortográficos e de sintaxe. Não sendo um trabalho puro das técnicas de Freinet apesar de ele não aconselhar tal prática, foi com a leitura do método e a concretização possível visto terem sido feitos apenas dois ou três jornais que a minha atitude mudou para com os meus alunos. Surgiu um interesse magnífico sobre as aprendizagens, aconteceu maior proximidade entre as duas partes, as aulas eram tranquilas, as crianças estavam mais atentas. Elas davam ideias, sugestões de trabalho que eram discutidas e por fim, algumas eram aceites pelo grupo e por isso desenvolvidas.

Convidámos António Fonseca, pai de uma aluna a ir à escola falar sobre a Mata de Marrazes, cujo espaço fora sempre aproveitado para festas e momentos de laser.

Depois da visita, a aluna Ana Rute fez várias rimas sobre a mata. Uma delas dá a entender as atividades que por vezes nela se desenvolviam

*A mata dos Marrazes  
Dá-nos muita alegria,  
Com altifalantes  
A fazer gritaria.*



Fig. 7 – Livro de poesias feitas pelos alunos

Também saímos a visitar idosos para que nos falassem da sua escola e das suas vivências de infância. A revelação da meninice destes idosos serviu para que os alunos se situassem na infância difícil que tinha sido a dos seus avós.

Foi ainda neste contexto que começou a surgir na escola a ideia de organizar uma exposição permanente. Este foi outro trabalho entusiasmante para as crianças e para mim. Desenvolveu-se o projeto «A ESCOLA ATRAVÉS DOS TEMPOS».

Para isso, os alunos recolheram materiais e continuaram a investigar o tema. Eles interpelavam os pais e outros, sobre aquilo que queriam saber para escrever como texto livre e alusivo ao ensino escolar do seu tempo. Estes textos eram sempre lidos e dialogados com muito interesse. Das pessoas entrevistadas, as que contribuíram com informação mais forte e precisa foram o «Ti Afonso», prestes a fazer cem anos, a D. Adelina e o Sargento Casal na casa dos noventa. Assim souberam algumas coisas sobre a dinâmica da escola na aldeia, as vivências das crianças e seus familiares, as dificuldades em frequentá-la, o trabalho infantil, as preocupações dos professores para assegurarem a permanência das crianças nas aulas.



Fig. 8 – Alunos e professora a entrevistarem o «Ti Afonso» e a D. Adelina

Todo este trabalho da turma contribuiu com muita informação que, a par da investigação feita por mim, dos documentos encontrados no sótão da escola e a colaboração dos outros professores principalmente da professora Maria dos Santos Paixão, foi conseguida uma exposição a título permanente numa pequena sala do edifício escolar.

Para a inauguração, os alunos fizeram panfletos na impressora a álcool que distribuíram pelos cafés, lojas e outros espaços a convidar para a festa. A exposição apresentava materiais escolares da própria escola e alguns objetos, de empréstimo, recolhidos pelos alunos. A mostra foi tão bem aceite que logo na inauguração nos foram dadas ideias de prolongarmos o projeto.

A exposição passou a ter visitas por marcação e os jornais fizeram artigos muito positivos sobre o assunto.



Fig. 9 – Pormenor da exposição «A Escola Através dos Tempos»

Foi no final desse ano, 1994, o último em que eu exerci as minhas funções, porque me aposentei, que recebemos para uma visita guiada à exposição, um elemento da Junta de Freguesia de Marrazes, o Dr. Acácio Moreira da Bárbara. No final da visita à exposição, fez a seguinte pergunta:

*Se a Junta de Freguesia cedesse um espaço mais condigno, o equipasse com o necessário e assumisse a sua dinâmica, os professores estariam interessados em ceder o espólio?*

Claro que os professores aceitaram e desde logo se começou a desenvolver outro projeto que deu origem ao MUSEU ESCOLAR, inaugurado em 1997. Mesmo aposentada, continuei a trabalhar na investigação sobre a instrução na região para poder entender a importância das peças.



Fig. 10 – Vista da Sala de Aula do Museu Escolar

No último dia de aulas, os alunos surpreenderam-me com uma peça de teatro feita por todos e começada a representar logo que entrei na sala. O tema era de tristeza mas incluía dança, cantigas e declamação. Terminou de uma maneira trágica e assustadora, com todos a cair no chão porque se encontravam mortos, com a lembrança de sair da escola e de se separarem da professora. Nos últimos anos da minha atividade aceitei estágios de alunos da Escola Superior de Educação de Leiria, que guardando segredo de mim e ignorando o conteúdo da peça, fotografaram o momento.



Fig. 11 – Festa surpresa de final de ano, organizada pelos alunos para a professora

Com a minha aposentação dediquei-me por inteiro ao desenvolvimento do projeto do Museu Escolar. Começamos a ter muitos convites para determinados eventos e foram surgindo comunicações sobre o projeto de norte a sul do país. Com a aposentação da professora Maria dos Santos Paixão a contabilidade e gestão de recursos, humanos e materiais, ficou assegurada.

O Museu Escolar tem, desde 1997, as portas abertas ao público e continua a desenvolver atividades com o público escolar e com o público em geral, contanto com o voluntariado das suas fundadoras e dos sócios da Liga de Amigos do Museu Escolar.

### **Considerações finais:**

Os testemunhos apresentados, sobre a utilização das técnicas de Freinet, revelam algumas dificuldades na sua implementação, sobretudo por se tratar de uma metodologia totalmente diferente da até então utilizada. No meu caso, professora Fátima, só foi possível desenvolver alguns aspetos que recomendava o pedagogo, apenas no 3.º e 4.º ano de escolaridade mas, o professor Rafael, o primeiro testemunho, foi mais longe e adquiriu uma imprensa como aconselhava Freinet. Foi com esta imprensa que ele desenvolve a leitura, a escrita e a imaginação dos seus alunos no 1.º e 2.º ano de escolaridade embora não tivesse distribuído o jornal escolar, os alunos levavam para casa as edições que faziam na imprensa. Apesar de nenhum dos testemunhos apresentados terem desenvolvido todas as técnicas recomendadas, levou-os a refletir sobre o método, por despertar um maior interesse dos alunos, criando neles o enorme desejo de escrever com um pensamento próprio, diferente e não dirigido. A imaginação provocava vontade de inovar os textos, de os ilustrar, de interpelar as pessoas sobre temas que desejam abordar, vontade de comunicar, teatralizar, saber mais.

Assim aconteceu com estes alunos e estes dois professores.

### **Bibliografia:**

- FREINET, C.: *O Jornal Escolar*, Lisboa, Editorial Estampa, Coleção Técnicas de Educação, 1974.
- FREINET, C.: *Pedagogia do Bom Senso*, Lisboa, Editorial Moraes, Coleção Psicologia e Pedagogia, 1973.
- FREINET, C.: *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, Lisboa, Editorial Estampa, Coleção Técnicas de Educação, 1975.
- FREINET, C.: *A Leitura Pela Imprensa Na Escola*, Lisboa, Dinalivro, 1977.
- FREINET, C.: *O Texto Livre*, Lisboa, Dinalivro, 1973